4 - O Inconsciente Coletivo

A ideia andrógina, proveniente dos recônditos da História, alimentada pelos falsos místicos de todos os tempos e especialmente pelos iluminados que precederam o romantismo, agora será tratada como objeto de estudo por acadêmicos de todas as esferas, que lhe conferirão uma aparência inteiramente científica. Eles aplicarão a este objeto de estudo os métodos mais modernos da arqueologia, da etnologia, da psicologia e das disciplinas da vida.

Não podemos descrever aqui todos os esforços de investigação que foram empreendidos nesse sentido. O mais conhecido desses investigadores é o erudito suíço Carl Gustav Jung, o continuador de Freud. Sua doutrina e seus métodos são bem conhecidos. Ele estuda todos os mitos (incluindo o mito do andrógino entre eles) como expressões da psicologia coletiva. Os mitos são, para ele e sua escola, apenas formulações desse inconsciente coletivo que permeia toda a história humana.

Segundo ele, os mitos expressam, sob formas mais ou menos poéticas ou esquemáticas, as nostalgias passadas, os medos ancestrais, os desejos e as pulsões subterrâneas duradouramente sentidas pela humanidade. O inconsciente coletivo seria o veículo que transportaria, de geração em geração, essas nostalgias, esses medos, esses desejos e essas pulsões.

E qual é a faculdade psicológica que poderá sondar esse fluxo e extrair da reserva assim transportada? É a faculdade mística dos contemplativos. Os contemplativos de todas as épocas, de qualquer religião a que pertençam, quando colocados em contato, por meio dos vários processos de meditação intensa, com o inconsciente coletivo, extraem dele e conseguem formular os temas que esse inconsciente transportou até eles. São essas formulações que constituem os mitos. E esses mitos são sempre os mesmos, indefinidamente reformulados, porque, embora os contemplativos se sucedam e se renovem, o inconsciente coletivo, ele, permanece idêntico a si mesmo.

E assim, de acordo com esses acadêmicos universitários, o inconsciente coletivo é suficiente. Não há necessidade de imaginar, como fazem os cristãos, inspiradores externos ao homem. Não há necessidade de dividir a mística em verdadeira e falsa mística, de acordo com a qualidade do inspirador eventual. Há apenas uma única e mesma mística universal, que não é outra coisa senão o estado em que o contemplativo se encontra, qualquer que seja sua confissão, quando se concentra e deixa o inconsciente coletivo falar nele. O andrógino é precisamente um desses mitos, transmitido sub-repticiamente e expresso periodicamente. Portanto, tem uma origem natural.

Com a origem natural do mito do andrógino agora estabelecida (pelo menos na mente desses autores), uma nova questão surge. Como vamos interpretar o próprio mito? Qual é o seu significado? O que aconteceu historicamente para que o inconsciente coletivo fosse tão fortemente impressionado e para que ele transmitisse um mito andrógino tão distante do estado atual das coisas?

O mito prova duas coisas, nos dizem os estudiosos esotéricos. Ele prova uma lembrança e ele prova um desejo. Primeiro, prova que a humanidade conserva inconscientemente a lembrança de um estado primitivo de tipo híbrido. E depois, prova que ela sente o desejo de retornar, em um futuro impreciso, a esse estado híbrido para ser aliviada de um desequilíbrio atualmente experimentado.

O cristão que examina essas doutrinas com um olhar crítico também faz uma pergunta. Acabamos de ser provados quanto à existência de um mito e sua antiguidade. Mas devemos concluir que o ancestral andrógino realmente existiu? Pois é muito possível que ele seja (considerando apenas considerações naturais) não uma verdadeira lembrança, mas uma construção imaginativa provocada por um certo desconforto, sem que haja originalmente uma lembrança pré-histórica.

Os esoteristas não respondem claramente a essa pergunta. Eles deixam seus leitores na expectativa. Mas eles não excluem um andrógino pré-histórico e consideram a universalidade e a antiguidade da lenda como uma forte presunção a favor disso. Vimos que o cristão dá a essa universalidade e antiguidade uma explicação completamente diferente. E vamos voltar a isso em nossa conclusão.

Por outro lado, o que os esoteristas afirmam firmemente é a verdade "metafísica" da androginia arquetípica no pensamento divino. Para Mircea Eliade, a androginia ancestral, embora não seja cientificamente demonstrável, é muito provável filosoficamente. Isso ocorre porque é ordenado pela androginia divina, que para ele não deixa dúvidas por uma razão muito simples: ela realiza a harmonia dos contrários.

> "A perfeição, portanto, 'O Ser', consiste essencialmente na unidade-totalidade. Tudo o que 'é por excelência' deve ser total, envolvendo a coincidentia oppositorum em todos os níveis e em todos os contextos... Como a androginia é um sinal distintivo de uma totalidade originária na qual todas as possibilidades estão reunidas, o homem primordial, o ancestral mítico da humanidade, é concebido, em muitas tradições, como andrógino" (Méphistophélès et l'Androgyne, páginas 155 e 160).

Ele é "concebido" como andrógino pela tradição, mas não nos afirmam que ele realmente o foi. Mas o que é andrógino com certeza é o modelo divino em conformidade com o qual o ancestral foi criado.

Quanto à androginia futura da humanidade, no retorno à era dourada, algumas interpretações a envolvem em circunlóquios que demonstram grande maestria linguística. Em outros casos, ela é claramente afirmada e profetizada:

> "Assim, Kosta Axelos não hesita em nos dizer que talvez estejamos nos encaminhando para um estado de transsexualidade, sendo o problema, no entanto, saber se estamos nos dirigindo para o estabelecimento do

> hermafroditismo, portanto, para um estado bi-sexuado, ou para um estado a-sexuado" (citado por Jean Libis em "Le Mythe de l’Androgyne", página 152).

Revision #1
Created 13 June 2024 02:48:14 by Admin
Updated 13 June 2024 02:48:43 by Admin